

# Editorial / Editorial

As configurações da política contemporânea, com o fortalecimento de forças conservadoras e o crescimento de partidos e políticos populistas, têm colocado em ameaça a ampliação da cidadania mesmo em nações com democracia consolidada, como os Estados Unidos e a França. Esse contexto é, potencialmente, mais grave nos países ibéricos e latino-americanos que retomaram ou, em alguns casos, inauguraram seus regimes democráticos somente após a Segunda Guerra, tendo vivido por décadas em regimes de exceção.

A partir das reflexões do pensador argentino Ernesto Laclau, entende-se que o populismo é uma espécie de “significante vazio”, uma “forma da construção da política”, cujo significado é alvo de disputa não apenas no campo político, mas também no acadêmico e no midiático, podendo assumir feições tanto de direita, quanto de esquerda. Trata-se, portanto, de uma disputa que é, antes de tudo, simbólica.

O fascínio que as lideranças populistas conservadoras têm exercido sobre amplas parcelas da população aponta para transformações dos valores de nossas sociedades e, portanto, de sua cultura, e mais especificamente de sua cultura política, com o recrudescimento da xenofobia, do sexismo e do racismo, bem como do recurso a técnicas biopolíticas, de fazer viver para fins do capital, como assinalou Michel Foucault, ou mesmo da necropolítica, esse poder de máxima soberania e controle sobre a mortalidade, como aponta Achille Mbembe.

O presente dossiê se propôs a ser um espaço para reflexão sobre este “estado de coisas”, abordando a atuação nas disputas político-culturais, como nas chamadas “Guerras culturais” ou nas políticas identitárias implementadas pelos diversos movimentos minoritários, com feições emancipadoras, mas também por movimentos micro-fascistas que reivindicam identidades substancialistas, geralmente baseada em valores nacionalistas. O dossiê

contemplou, assim, fenômenos relacionados tanto a organizações e movimentos conservadores, quanto àquelas progressistas que se dão no espaço ibero-americano no atual milênio.

Esta proposta geral se desdobrou no seguinte conjunto de eixos de abordagem, entre outros possíveis: Estado e políticas públicas de cultura (cultural policy); Políticas de cultura (cultural politics) dos movimentos sociais; Estado, sociedade e políticas identitárias; Conservadorismo e guerras culturais; Estado, arte e censura; Cultura, mercado e neoliberalismo; Cultura, pós-colonialismo, decolonialismo e neocolonialismo; Regimes populistas e cultura; e Biopolítica, necropolítica e cultura.

No primeiro texto do dossiê, Semensato e Barbalho debruçaram-se sobre a hipótese da possível retomada do Sistema Nacional de Cultura (SNC) no âmbito municipal com a promulgação da Lei Aldir Blanc, sendo que para o efeito se socorreram da Teoria do Discurso para analisar o *corpus* empírico de discursos coletados na internet com as palavras-chave “Sistema Nacional de Cultura” e “Lei Aldir Blanc”. Os autores concluíram, por um lado, que houve incremento do Sistema Nacional de Cultura, como exemplificam a reativação e/ou a criação de conselhos e de fundos e, por outro, que o SNC permanece como uma formação discursiva hegemônica e que articula em torno de si pontos nodais – democracia e institucionalização, de modo que o posicionamento antagônico do bolsonarismo e suas guerras culturais não conseguiram se impor nesse campo de discursividade.

Santos, Sant’anna e Miranda centraram-se em casos recentes de turvamento das fronteiras da autonomia da arte, a partir da judicialização da crítica a exposições de arte no Brasil. Os autores argumentam que as controvérsias no campo político têm interferido diretamente sobre o campo das artes visuais, derrubando as últimas fronteiras da autonomia da arte e colocando em questão a tese da falência do projeto das vanguardas.

A proposta de Sardinha e Pantoja, por sua vez, parte dos resultados de pesquisa realizada em três páginas de ativismo gay na rede social Facebook com o objetivo de identificar percepções e contradições que estruturam a ação discursiva que disputa sentidos em torno do corpo, gênero e sexualidade, a partir das referências conceituais oriundas da teoria *queer*. Os autores destacam três eixos

centrais que organizam a agenda política de disputas: os enfrentamentos, as contradições e a constituição dos discursos que normalizam e hierarquizam corpos marcados por gêneros que enfrentam a tríade compulsória sexo-gênero-desejo, e um sistema de poder que assujeita corpos dissidentes em um modelo heteronormativo que, contraditoriamente, é (re)produzido entre os próprios homossexuais nos espaços digitais apropriados por sujeitos ativistas.

Do Chile, pela mão de Gayo, chega-nos uma reflexão sobre os recentes conflitos sociais e políticos que colocam a cultura em uma encruzilhada de narrativas de mudança e expressões artísticas plurais. O autor argumenta que a inversão de conceitos-chave de Pierre Bourdieu é uma forma fecunda de compreender o momento histórico do país a partir de uma perspectiva cultural.

Villena analisa a eclosão de tensões religiosas e culturais que surgiram durante o processo eleitoral de 2018 na Costa Rica, bem como sua evolução nos três primeiros anos do governo Carlos Alvarado Quesada. O autor centra-se na evolução dos aspetos relacionados com a laicidade, o gênero e a diversidade, destacando, por exemplo, que embora já tivessem sido legisladas algumas dimensões dos tópicos em análise, a emissão da regulamentação necessária foi desacelerada pelo governo, que concentrou seu interesse na questão fiscal e também no direito do trabalho público, assim como na pandemia e seus efeitos colaterais.

As protagonistas do artigo de Maia, Coutinho e Dominguez são as mulheres que ocupam cargos de liderança na política cultural em Portugal. Com base no recorte teórico convocado, as autoras sublinham algumas diferenças significativas na representatividade das mulheres em função da tipologia de órgãos: se no caso dos ministérios se observa um equilíbrio e no caso das secretarias de estado os homens são preponderantes, no caso das direções regionais de cultura e de outros organismos públicos da cultura dependentes do ministério da cultura, as mulheres estão em clara maioria. Com este trabalho, torna-se nítido que se cumpre a questão da igualdade, pois verifica-se que as mulheres têm acesso a posições de tomada de decisão na política cultural em Portugal. Os dados permitem também destacar que existem mulheres em diferentes cargos, em distintos organismos do Estado, pelo que a sua voz é ouvida.

O contributo de Gama para a discussão parte da constatação de que a definição de estratégias para as políticas culturais públicas em Portugal ainda não é uma prática ancorada. No artigo são convocados os resultados de um estudo multidimensional, que foi realizado, no ano de 2020, para Direção Regional de Cultura do Norte (Portugal), com o objetivo de reunir contributos para a definição de uma estratégia para as políticas culturais regionais até 2030. Das sete ideias-chave para o futuro das políticas culturais para a região Norte de Portugal, destacamos, a título meramente ilustrativo, a importância do desenvolvimento de diagnósticos profundos e participativos que concorram para a elaboração de Planos Estratégicos para a Cultura (à escala dos municípios, das NUTS 3, da NUT 2 e da NUT 1), mas também a urgência de implementar programas de capacitação para profissionais do setor cultural, público e privado, nomeadamente na área da gestão cultural.

O dossiê termina com uma entrevista com Célio Turino, concedida em fevereiro de 2021 a Juan Brizuela e Alexandre Barbalho. Entre os múltiplos contributos de Turino para as políticas culturais brasileiras, destacamos aqui o seu papel na conceção e implementação do Programa Cultura Viva e da ação dos Pontos de Cultura, que se espalharam por todo o país, estabelecendo uma relação direta entre Estado e sociedade civil. O ponto de partida para a entrevista foi o processo de “latino-americanização” dos pontos de cultura, tema da mais recente obra de Turino, lançado em 2020: *Por Todos os Caminhos: Pontos de Cultura na América Latina*.

Apresentado o percurso com este oito olhares para a política e a cultura na Íbero-América, resta dizer, em outras palavras, que esse dossiê oferece aos leitores um conjunto de pesquisas e reflexões sobre o (duro) tempo presente, na esperança de tempos melhores no futuro próximo. Boa leitura.

Os editores